

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CENTRO DE DESPORTOS**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**BERNARDO DE CAMARGO JERÔNIMO**

**EDUCAÇÃO FÍSICA E GÊNERO:**  
Analisando questões na educação física escolar

**FLORIANÓPOLIS**

**2018**

BERNARDO DE CAMARGO JERÔNIMO

EDUCAÇÃO FÍSICA E GÊNERO:

Analisando questões na Educação Física escolar

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para aprovação na disciplina de Seminário de Conclusão de Curso II do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Prof. Dr. Carolina Fernandes da Silva

FLORIANÓPOLIS

2018

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC**

**CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – Hab. Licenciatura**

**Termo de Aprovação**

A Comissão Examinadora (Banca), abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia),

**Título:**

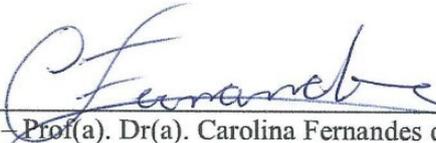
**EDUCAÇÃO FÍSICA E GÊNERO:**  
**Analisando questões na educação física escolar**

**Elaborado por:**

**Bernardo de Camargo Jerônimo**

Como pré-requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Comissão Examinadora:

  
Orientador(a) – Prof(a). Dr(a). Carolina Fernandes da Silva - UFSC

\_\_\_\_\_  
Membro – Prof(a). Giovana Rastelli - UFSC

\_\_\_\_\_  
Membro – Prof(a). Dr(a). Juliano Silveira – UFSC

\_\_\_\_\_  
Suplente – Prof(a). Dr(a) Nivia Marcia Velho – UFSC

Florianópolis, SC., 21 de junho de 2018

## AGRADECIMENTOS

Família. Não só aquela de sangue, mas todos aqueles que considero minha família. Nesses quatro anos de curso, minha família aumentou, foram muitos os que me apoiaram ao decorrer do curso. Queria agradecer a minha família de sangue ou não, que me proporcionaram e proporcionam eu estar aqui em Florianópolis.

Essa pesquisa mostra o quão importante é o papel da família e da escola na formação de uma pessoa, e baseado nesses dados, eu posso me julgar uma pessoa de sorte, visto que tive em casa uma mãe, professora, artista, tudo em uma só, por isso quero agradecer a minha mãe, Roberta, que mesmo de longe se torna presente. É uma das minhas maiores fontes de inspiração, mulher batalhadora, uma mãe com todas as letras e acentos. Essa que sempre conciliou o educar com o amar, mesmo com a missão de dividir essas funções para com outros três filhos além de mim. Mas ela não estava sozinha. Com ela sempre teve a minha velhinha, conhecida por alguns como dona Ana, por outros por dona Palova, por mim, é conhecida por vó... e que vó viu. Foi pai, mãe, tia, e todos os outros parentescos possíveis, mas acima de tudo sempre foi e é minha amiga, e uma das pessoas mais importantes na minha vida. Gosto de falar que minha vó foi minha primeira professora, por que era para ela que eu sempre corria quando surgia qualquer dúvida, naquela fase onde tudo gera curiosidade. Agradecer também ao meu pai, que foi importante peça nessa graduação, dono de uma sabedoria fora de série, sempre me ajudando nos passos que dei até aqui.

Impossível eu falar desse curso sem citar o Panela. Um grupo criado lá no início do curso, e que se manteve ao decorrer dele. Posso dizer que foram as pessoas certas no lugar certo na hora certa. Nos ajudamos ao decorrer do curso, e se a grande maioria de nós está se formando no tempo mínimo, muito se deve a essa união, que por muitas vezes transcendeu aos limites da UFSC, seja em campeonatos ao jogar futebol, ou momentos de festas. Entrei no curso atrás de um diploma e conquistei algo bem mais importante que isso: pessoas que pretendo levar para o resto da vida.

Agradecer a turma no geral, que foi bastante unida ao decorrer do curso, algo que era comentado pelos professores.

Também outro agradecimento que é obrigatório é aos amigos e colegas da 1007, casa noturna em que trabalhei ao decorrer do curso. A 1007 abriu minha visão para vários assuntos, e um deles foi a discussão de gênero, tema dessa pesquisa.

Por último, mas não menos importante, agradecer aos professores que me ajudaram na minha formação, em especial a minha orientadora, Carolina Fernandes, que foi fundamental no meu estágio final da graduação, fui muito feliz ao escolhê-la como minha orientadora.

Obrigado a todos, essa não é uma conquista só minha, foi uma conquista compartilhada com várias pessoas, que quando necessário estavam lá.

## RESUMO

A pesquisa busca analisar como as aulas de Educação Física podem apresentar questões relacionadas ao gênero, em uma turma do 4º ano do ensino fundamental de uma escola do Saco dos Limões, bairro localizado na cidade de Florianópolis, Santa Catarina. A amostra foi escolhida pela proximidade do pesquisador, graduando do curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, que participou de intervenções com a turma por meio do estágio docência ao longo de aproximadamente um ano e meio. Para essa pesquisa, foram feitas observações em um período de dois meses, o que totalizou cerca de 15 aulas de Educação Física com duração de 45 minutos, as quais foram transcritas para um diário de campo. As observações se deram por uma descrição das aulas em sua totalidade, buscando trazer o máximo de detalhes possíveis. Após o período de observações, analisamos esse diário de campo, iniciando a discussão a partir de um cruzamento de fontes dos dados coletados com as referências consultadas ao longo da pesquisa. Por meio das observações, pôde-se notar que questões relacionadas a gênero foram frequentes no campo de estudo. Por meio de cruzamento dos dados com a bibliografia eleita foi possível compreender como essas questões se desenvolvem no ambiente da educação física escolar e que estas são reproduções culturais presentes no modelo atual de sociedade em que vivemos.

**Palavras-chave:** Educação Física escolar, Escola, Gênero, Violência simbólica.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>1.1. Objetivos.....</b>	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
<b>1.1.1. Objetivo Geral.....</b>	<b>9</b>
<b>1.1.2. Objetivos Específicos .....</b>	<b>9</b>
<b>1.2. Justificativa .....</b>	<b>9</b>
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1. Educação Física Escolar .....</b>	<b>11</b>
<b>2.2. Gênero .....</b>	<b>13</b>
<b>2.3. Educação Física e Gênero.....</b>	<b>15</b>
<b>3. METODOLOGIA .....</b>	<b>18</b>
<b>3.1. Caracterização da pesquisa.....</b>	<b>18</b>
<b>3.2. Participantes .....</b>	<b>18</b>
<b>3.3. Instrumentalização e procedimentos de coleta dos dados.....</b>	<b>19</b>
<b>3.4. Análise dos dados .....</b>	<b>19</b>
<b>4. DISCUSSÃO .....</b>	<b>21</b>
<b>4.1. Violência Simbólica.....</b>	<b>21</b>
<b>4.2. Gênero na escola .....</b>	<b>22</b>
<b>4.3. Gênero nas aulas de Educação Física.....</b>	<b>25</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>29</b>

## INTRODUÇÃO

A cada dia discutimos mais sobre gênero em diversas vertentes, a discussão ganha mais força ao passar do tempo, em um momento onde as mulheres lutam cada vez mais por seus direitos, transformando o modo como a sociedade a vê. O conceito de gênero é bem amplo e está vinculado ao entendimento atribuído pelas áreas científicas que o analisam, como a Antropologia, Sociologia, Educação, Literatura, entre outras. Diferente da definição biológica que conceitua gênero (feminino ou masculino) como um sinônimo para sexo (homem e mulher), este trabalho busca o conceito que não considera apenas características físicas para uma caracterização, mas que também considera o caráter social e cultural do ser.

O conceito de gênero utilizado para esta pesquisa é o definido por Meyer (2013, p.16), que busca:

[...] englobar todas as formas de construção social, cultural e linguística implicadas em processos que diferenciam mulheres e homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade. O conceito de gênero privilegia, exatamente, o exame dos processos de construção e distinções – biológicas, comportamentais ou psíquicas percebidas entre homens e mulheres.

A ideia do autor vai ao encontro do pensamento que o homem não nasce masculino e nem a mulher nasce feminina, os dois são construídos desde o berço, e reafirmados pela sociedade ao longo da vida. Também é importante comentar que não só a sociedade interfere nessa construção, mas também o contrário, onde essa construção do ser interfere na forma como o mundo acontece. Hoje gênero não é apenas um conceito, e sim um campo de pesquisa que auxilia em respostas dentro da sociedade. Um conhecimento que se torna imprescindível para o desenvolvimento humano.

Para Brah (2006) as desigualdades de gênero penetram em várias esferas da vida, nesse trabalho vamos enfatizar duas dessas esferas, que são a escola e a Educação Física. A escola ensina não só as disciplinas curriculares, como Português, Matemática, História e Educação Física, mas também por meio das relações que nela encontramos. Neste ambiente, aprendemos sobre valores, moral e ética, porém poucas disciplinas do currículo abordam esses temas.

Na Educação Física, esses temas podem ser abordados com mais frequência, pois a tendência é haver um contato maior entre as crianças, um contato que, diferente das outras disciplinas, não se dá apenas por conversas e trocas de conhecimentos, mas também por meio do corpo em movimento, que às vezes se expressa melhor do que por palavras. Guimarães et al. (2001, p.22) frisa:

Que as situações vividas nas aulas de educação física não apenas permitem, mas são propícias o trabalho com atitudes. Os conflitos provocados pelo contato físico, pelo aprendizado da competição e da colaboração presente nos jogos—pelo enfrentamento da derrota e do sucesso, pelo contato entre mais aptos e menos aptos para atividade física—envolvem aspectos afetivos, cognitivos e morais, que implicam a busca de soluções.

As aulas de educação física podem se tornar um recorte do que vivemos fora da escola, sendo uma importante ferramenta de intervenção no intuito de conscientizar, porém, devido às suas características, pode também ir ao caminho inverso. Diante disto, o presente estudo possui o seguinte problema de pesquisa: como questões relacionadas a gênero são percebidas nas aulas de Educação Física?

## **1.1. Objetivos**

### **1.1.1. Objetivo Geral**

Analisar como as aulas de Educação Física apresentam questões relacionadas a gênero em uma turma do 4º ano do ensino fundamental de uma escola localizada no Saco dos Limões, Florianópolis/SC.

### **1.1.2. Objetivos Específicos**

- Identificar as questões de gênero nas aulas de Educação Física;
- Analisar estas questões de gênero e o contexto em que ocorrem na comunidade escolar.
- Compreender a Educação Física escolar como espaço de reflexão de questões relacionadas a gênero;

## **1.2. Justificativa**

O presente estudo justifica-se em razão de nos depararmos constantemente com diversas questões de gênero no cotidiano da sociedade, bem como no escolar, e este conceito estar em ascensão na esfera acadêmica. Mais especificamente no contexto acadêmico próximo ao local da pesquisa, tais reflexões parecem ganhar espaço em grupos de pesquisa e eventos, por exemplo. Em julho de 2017, a Universidade Federal de Santa Catarina, localizada em um bairro vizinho à escola estudada, recebeu a 13ª edição do Congresso Internacional Mundo de Mulheres juntamente com a 11ª edição do Seminário Internacional Fazendo Gênero, esse que acontece apenas de três em três anos. Tais evento refletem a disseminação de discussões sobre gênero no Brasil, onde existe grande número de grupos de pesquisa que tratam do assunto. Em uma busca por grupos de pesquisa registrados no CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) relacionados a gênero no Brasil, foram encontrados 1.933 grupos que lidam diretamente ou indiretamente com gênero. Se buscarmos por grupos que contém a palavra gênero em seu título, são 436; voltados apenas a Educação Física são 28; na Universidade Federal de Santa Catarina, são 42 grupos de pesquisa relacionados a este

tema em diversas áreas, como História, Ciências Sociais, Ciências Políticas, Antropologia, Psicologia, Direito e entre outros.

Além disso, por meio da revisão de literatura os pesquisadores identificaram que questões relacionadas a gênero são manifestadas na nossa sociedade mais do que pensamos, seja em um comentário desprezioso, em uma ação, ou na própria forma do ser humano se relacionar com o seu contexto. Quando pesquisamos gênero, é necessária uma desconstrução do pesquisador, pois as gerações estão mudando e, a todo o momento, ocorrem modificações na sociedade, assim como na forma de se portar e agir diante de determinado tema.

Em relação a gênero, lidamos com diversos acontecimentos nas aulas de Educação Física, como, por exemplo, no estágio que realizei em uma escola próxima a UFSC, onde vi meninas sofrerem críticas negativas por conta de se destacar no futebol e meninos que se destacam na dança. Na vida adulta essas críticas continuam, e mulheres são estereotipadas masculinas sempre que fogem de um padrão de conduta. Ao mesmo tempo em que é um tema muito estudado no meio acadêmico, o estudo de gênero é muito abrangente, onde a cada dia são identificadas novas questões por conta de diferentes interpretações, o que faz desse estudo algo relativamente diferente dos outros é o seu contexto social, a região e outros fatores que mudam os resultados, ou seja, busca compreender como ocorrem tais questões em uma cultura específica.

Como justificativa, também é importante citar minha proximidade à comunidade de gays, lésbicas, bissexuais e transexuais (LGBT), por conta das minhas experiências profissionais, em uma loja de roupas e em uma casa noturna, ambas com clientes LGBT's como público dominante. Nesse tempo (aproximadamente cinco anos), pude presenciar vários casos de intolerância, contra mulheres e homens. Assim, por meio destas experiências, pude perceber o quanto o tema é importante, visto as dificuldades e preconceitos sofridos por pessoas que não se enquadram nas identidades determinadas historicamente pela sociedade, papéis esses que serão explicados ao decorrer desse projeto. Diante disso, acredito que há uma necessidade de se analisar e entender esses casos, o que me levou a escolher o assunto como tema para minha monografia.

## **2. REVISÃO DE LITERATURA**

A revisão bibliográfica do projeto foi feita a partir de uma pesquisa exaustiva dentro da junção das palavras chaves propostas, que foram “Educação Física escolar” e “Gênero”. Mesmo com essas palavras direcionadas, foi encontrado diversos conteúdos, alguns deles impertinentes à pesquisa, seja por abordarem adolescentes, ou por serem estudos muito específicos com uma amostra diferente da pretendida nessa pesquisa. Então foram levados em conta os artigos que se assemelhavam ao conteúdo. Quando procuramos Gênero e Educação Física encontramos o número de aproximadamente 180 mil resultados. Utilizando do recurso das aspas na busca, procuramos por Educação Física Escolar e Gênero e chegamos a um número ideal para busca e seleção de trabalhos direcionados, que totalizou aproximadamente 30 artigos. Nesse número também estão inclusas buscas no Scielo, no Repositório da Biblioteca Universitária da UFSC, Revista Brasileira da Educação Física e Esporte, Revista Movimento, Revista Pensar a Prática, Revista Educação Física UEM (Universidade Estadual de Maringá), Revista Motrivivência, Revista Brasileira de Ciências do Esporte e Cadernos Pagu, que foram grandes fontes de auxílio tanto na fase de observação quanto na fase de discussão.

### **2.1. Educação Física Escolar**

Para pensar a Educação Física Escolar, percebe-se na citação de Meyer (2009, p. 222) a apresentação do pensamento no qual esta pesquisa busca estruturar-se:

[...] tornar-se sujeito de uma cultura envolve um complexo de forças e de processos de aprendizagem que hoje deriva de uma infinidade de instituições e ‘lugares pedagógicos’ para além da família, da igreja e da escola, e engloba uma ampla e variada gama de processos educativos.

Ou seja, a construção do ser se dá por várias etapas e processos em diferentes contextos (sejam eles a escola, rua, igreja e etc.). Focando na escola, local da pesquisa, mais precisamente nas aulas de educação física, podemos afirmar que os conteúdos da mesma também fazem parte dessa construção. Sobre tais conteúdos, Soares (1996, p. 11) afirma que:

A Educação Física ocidental moderna tem ensinado o jogo, a ginástica, as lutas, a dança, os esportes. Poderíamos afirmar então que estes são conteúdos clássicos. Permaneceram através do tempo transformando inúmeros de seus aspectos para se afirmar como elementos da cultura, como linguagem singular do homem no tempo. As atividades físicas tematizadas pela Educação Física se afirmaram como linguagens e comunicaram sempre sentidos e significados da passagem do homem pelo mundo. Constituem assim um acervo, um patrimônio que deve ser tratado pela escola.

Junto com essa parcela na formação do aluno na escola, a educação física de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), deve educar visando à cidadania dos alunos, que consiste em construir seres capazes de: a) participar de atividades corporais adotando atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade; b) conhecer, valorizar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações da cultura corporal; c) reconhecer-se como elemento integrante do ambiente, adotando hábitos saudáveis relacionando-os com os efeitos sobre a própria saúde e de melhoria da saúde coletiva; d) conhecer a diversidade de padrões de saúde, beleza e desempenho que nos existem diferentes grupos sociais, compreendendo sua inserção dentro da cultura em que são produzidos, analisando criticamente os padrões divulgados pela mídia; e) reivindicar, organizar e interferir no espaço de forma autônoma, bem como reivindicar locais adequados para promover atividades corporais de lazer (BRASIL, 1998a). Dentro disso temos um tópico importante que é a não exclusão, os PCNs também propõem como princípio básico, a necessidade das aulas serem dirigidas a todos os alunos. Nas palavras dos PCNs (BRASIL, 1998a, p.19):

A sistematização dos objetivos, conteúdos, processos de ensino e aprendizagem e avaliação tem como meta a inclusão do aluno na cultura corporal de movimentos, por meio da participação e reflexão concretas e efetivas. Busca-se reverter o quadro histórico de seleção entre indivíduos aptos e inaptos para as práticas corporais, resultante da valorização exacerbada do desempenho e da eficiência.

Ou seja, deveríamos estar colocando em segundo plano o desempenho dos alunos, no intuito de deixá-los mais confortáveis para realizar as práticas da cultura corporal do movimento, de forma autônoma e crítica. Darido et al. (2001, p. 20) afirma que:

O processo ensino aprendizagem deve ser baseado na compreensão, esclarecimentos e entendimento das diferenças. As estratégias

escolhidas devem não apenas favorecer a inclusão, como também a discutir e torná-la clara para os alunos. Em relação às atividades práticas, as que devem ser modificadas são as que possuem um caráter de exclusão temporária ou total, dos menos habilidosos, do portador de necessidades especiais, de gênero e outras.

Assim, percebe-se que gênero deve ser um dos temas que devem transversalizar os conteúdos da educação física.

## 2.2. Gênero

Apesar do avanço das últimas décadas, a história das relações de gênero ainda é um tema em construção. Por certo, já houve notável desenvolvimento do estudo da temática em pouco tempo, mas a consolidação desse campo de estudos ainda é muito recente. Sabatel et al. (2016, p. 196) frisa que:

Mesmo diante de avanços alcançados, em especial, por meio dos debates acadêmicos e científicos produzidos no Brasil, a partir dos anos finais da década de 1980 e início de 1990, os temas de gênero e sexualidade requerem ainda, maior visibilidade no ambiente escolar e acadêmico.

Através de movimentos feministas, gênero começa a ser usado como distinto de sexo, não há a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuais, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas. O conceito pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então, como são "trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico". Bourdieu (2010, p. 20) ressalta que:

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho.

As desigualdades não deveriam ser justificadas pelas diferenças biológicas, não sendo impostos papéis sociais a serem cumpridos para homens e mulheres. Para Louro (1997, p. 24), esses papéis sociais são:

[...] basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar. Através do aprendizado de papéis, cada um(a) deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas.

O erro em dividir homens e mulheres dessa forma está na simplicidade. Em cada pessoa existe um universo de características, essas que não precisam pertencer a um grupo. Para Weeks (2001, p.40):

[...] a sexualidade é, na verdade, uma ‘construção social’, uma invenção histórica, a qual, naturalmente, tem base nas possibilidades do corpo: o sentido e o peso que lhe atribuímos são, entretanto, modelados em situações sociais concretas. Isso tem profundas implicações para nossa compreensão do corpo, do sexo e da sexualidade.

A pretensão é, então, entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos. É possível pensar as identidades de gênero de modo semelhante: elas também estão continuamente se construindo e se transformando. Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo.

A ideia central é identificar o emprego desses papéis afirmados todos os dias pela sociedade, e buscar analisar pelo olhar do autor situações onde ocorrem essa distribuição.

Se analisarmos nossas infâncias, podemos nos lembrar de momentos em que nos foi colocado como se portar, seja no modo de falar, andar, comer, sentar, se vestir, entre outros. No caso das mulheres, a história conta com alguns fatores ideais, um papel a ser cumprido, sempre frisando a delicadeza, sensibilidade, obediência, se atendo a tarefas domésticas no intuito de conseguir para si, um bom marido. Depois de conseguido isso, a mulher deveria cuidar dos afazeres domésticos e dos filhos, no intuito de dar o suporte para o seu marido poder trabalhar e sustentar a família de forma tranquila, sem preocupações externas. Essas formas de se portar, são reafirmadas sutilmente, como Louro (1992, p. 58-59) explicita, que:

Todo movimento corporal é distinto para os dois sexos: o andar balançando os quadris é assumido como feminino, enquanto dos

homens espera-se um caminhar mais firme (palavra que no dicionário vem associada a seguro, ereto, resoluto – expressões muito masculinas e positivas), o uso das mãos [...], o posicionamento das pernas ao sentar, enfim, muitas posturas e movimentos são marcados, programados, para um e para outro sexo.

Dentro das aulas de Educação Física podemos ver algumas formas de se portar também, mais uma vez ela se torna uma ferramenta importante para construção do ser, a depender do professor para utiliza-la da forma correta. SABATEL et al. (2016, p.196) frisa que:

O aumento de estudos e pesquisas pode ampliar as possibilidades da formação inicial das(os) futuras(os) professoras(es) e sua posterior atuação profissional, ao oportunizar uma compreensão mais ampla das referidas temáticas (gênero e sexualidade). A Educação Física Escolar coloca-se como um espaço que pode contribuir de maneira efetiva ao debate.

Partindo desse pensamento, iniciaremos o tópico associando a educação física ao Gênero, debate proposto na pesquisa.

### **2.3. Educação Física e Gênero**

Diante das descrições anteriores e pensando a Educação Física como ambiente onde existem manifestações presentes no contexto social atual, percebe-se que hoje vivemos tempos um pouco diferentes, porém não o suficiente, Goellner (2003, p. 31) relata que:

Durante muito tempo, atividades corporais consideradas mais ‘pesadas’, como lutas, esportes, entre outras, não eram recomendadas às mulheres em virtude de sua suposta natureza mais frágil em relação ao homem. [...] Com isso, o espaço privado (lar) era considerado o lugar social de domínio da mulher, onde ela poderia exercer, na sua plenitude, as virtudes consideradas como próprias do seu sexo tais como a paciência, a intuição, a benevolência, entre outras.

Na escola não é diferente, temos (querendo ou não) algumas formas de nos portar a fim de realizar esses papéis, alguns deles reforçados por docentes, funcionários e até mesmo pelos próprios alunos e nas relações entre eles.

Para falarmos de Educação Física e gênero é necessário voltar um pouco na história da Educação Física escolar. De acordo com Frangiot e Costa (2006, p. 7), “os

objetivos da Educação Física são, em síntese: participar de atividades corporais visando o reconhecimento e o respeito às diferenças de ordem física, pessoal, sexual ou social”, mas será que a Educação Física é ensinada dessa forma nas escolas? Para uma aula ideal na visão de Saraiva (1999, p. 181):

Torna-se importante trazer para o campo das discussões e possibilidades pedagógicas as questões [...] como: os papéis sexuais estereotipados, os anseios irracionais de dominação dos homens, a opressão tradicional da mulher e, principalmente a ameaça ao direito de melhores condições e igualdade dos seres humanos no esporte e na educação física.

No trecho acima, foi enfatizado o levantamento de questões de gênero em geral, algumas delas já fixadas na sociedade, por esse motivo, levantar essas questões é algo delicado, e cabe ao professor essa difícil missão, visto que o professor é colocado diante um exercício de desconstrução muitas vezes, como Saraiva (2002, p. 83) afirma, que mesmo sendo difícil, a educação física deve refletir sobre a “[...] importância do papel dos (as) professores (as) na problematização e vivência das questões de gênero, na prática pedagógica, junto aos seus alunos/as. E, para isso, eles (as) próprios (as) precisam estar esclarecidos”. No âmbito das aulas de educação física, para Darido et al. (2001, p. 26):

As aulas de Educação Física (que na maioria das vezes, são mistas) também se encontram repletas de situações ligadas às relações de gênero, ou seja, a construção social e cultural do masculino e do feminino. Os valores preconceituosos são explicitados nas atitudes cotidianas dos alunos.

E, em relação ao professor, Darido et al. (2001, p. 26) afirma que:

A tarefa do professor de Educação Física é perceber, levantar e discutir essas questões mantendo uma postura crítica e reflexiva de tal maneira que seus próprios valores não sejam explicitados e tomados como verdadeiros. [...] nesse sentido, o professor precisa estar atento e deve estimular a reflexão sobre a relatividade das concepções associadas ao masculino e ao feminino; ao respeito mútuo entre os sexos e o respeito às muitas e variadas expressões do feminino e do masculino.

Dentro dessa proposta, Darido et al. (2001, p. 20) afirma também em seu texto que as aulas de Educação Física devem “valorizar todos os alunos independentemente da etnia, sexo, língua falada, classe social, religião, opinião política ou social”.

### **3. METODOLOGIA**

#### **3.1. Caracterização da pesquisa**

A pesquisa foi qualitativa, ou seja, buscou aprofundar as questões identificadas, nessa abordagem “a palavra escrita ocupa lugar de destaque [...], desempenhando um papel fundamental tanto no processo de obtenção dos dados quanto na disseminação dos resultados, rejeitando a expressão quantitativa” (GODOY, 1995, p. 62). Aqui iremos relacionar observações com vivências e com conteúdo já escrito dentro do tema. Para Godoy (1995, p. 62), na abordagem qualitativa,

Valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada. [...] um fenômeno pode ser mais bem observado e compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte. Aqui o pesquisador deve aprender a usar sua própria pessoa como o instrumento mais confiável de observação, seleção, análise e interpretação dos dados coletados.

A pesquisa também teve um caráter exploratório, por se tratar de um estudo que teve a intenção de buscar novas informações sobre o assunto que se vai investigar, no intuito de ajudar a esclarecer as questões levantadas. Para Raupp e Beuren, (2003, p. 80), na pesquisa exploratória:

Busca-se conhecer com maior profundidade o assunto, de modo a torna-lo mais claro [...]. É desenvolvida no sentido de proporcionar uma visão geral acerca de determinado fato [...]. Uma característica interessante da pesquisa exploratória consiste no aprofundamento de conceitos preliminares sobre determinada temática, assim, contribui para o esclarecimento de questões superficialmente abordadas.

#### **3.2. Participantes**

Os participantes desta pesquisa foram 27 alunos do 3º/4º ano do Ensino Fundamental 1 vespertino, de uma escola localizada no Saco dos Limões, Florianópolis/SC. No meu primeiro e segundo estágio obrigatório, eles estavam no 3º ano, porém, no início do ano de 2018, quando fiz a segunda parte das observações, eles estavam no 4º ano. Os alunos tinham nove a doze anos, e em sua grande maioria moravam em bairros próximos à escola. Os alunos foram determinados por motivo de

proximidade, visto que, como já foi citado, fiz onde ocorreu o estágio obrigatório com os mesmos durante um ano, diminuindo assim uma possível mudança de postura e comportamento por conta da presença do observador. Também foram observados alunos fora dessa turma, no período de contextualização da escola.

### **3.3. Instrumentalização e procedimentos de coleta dos dados**

Foi utilizado de observações como instrumentalização, essas que foram transpassadas para um diário de campo. Segundo Bechker (1972), a observação seria uma solução para o estudo de fenômenos complexos e institucionalizados, quando se pretende realizar análises descritivas e exploratórias ou quando se tem o objetivo de inferir sobre um fenômeno que remeta a certas regularidades, passíveis de generalizações.

Inicialmente foram observadas aulas de outras turmas de forma superficial, o intervalo da escola, e horário de término das aulas e saída dos alunos da escola, com o intuito de contextualizar o ambiente escolar. Com a turma foco da pesquisa foram feitas observações aprofundadas. As observações foram feitas de forma não participante, no intuito de analisar o comportamento dos alunos sem interferência da presença do observador. De acordo com Richardson (2012, p. 260), “nesse tipo de observação o investigador [...] atua como espectador atento. [...] ele procura ver e registrar o máximo de ocorrências”.

As anotações do Diário de Campo foram feitas de forma descritiva, onde era anotado os acontecimentos conforme eles aconteciam.

Foram realizadas 15 observações, destas, três foram para contextualização da escola, seis foram no segundo semestre de 2017 e outras seis observações foram feitas no primeiro semestre de 2018. As observações foram realizadas por meio do método narrativo, que de acordo com Richardson (2012), consiste em registrar uma série de sentenças conforme elas acontecem, para depois ser analisada de acordo com a categoria proposta que, no caso dessa pesquisa, era gênero.

### **3.4. Análise dos dados**

Para a análise dos dados foi utilizado o método de Análise de Conteúdo, ou seja, buscou-se identificar questões na narrativa do diário de campo. Depois de identificadas, ocorreu um cruzamento das mesmas com estudos levantados.

Segundo Richardson (2012, p. 224), “A análise de conteúdo deve ser eficaz, rigorosa e precisa. Trata-se de compreender melhor um discurso, de aprofundar suas características [...] e extrair os momentos mais importantes”. Ainda em Richardson (2012), a análise de conteúdo é dividida em três fases organizadas cronologicamente, que são elas: a pré-análise, a análise do material e o tratamento dos resultados. A pré-análise foi uma fase indispensável, pois garantiu uma boa análise posterior. Nesta fase de organização fizemos (a orientadora e eu) uma leitura superficial do material e escolhemos o que proporcionava a informação adequada para cumprir os objetivos da pesquisa. A análise do material foi a análise propriamente dita, que consistiu na codificação, categorização e quantificação da informação. Analisando as observações, emergiram três categorias: Questões de Gênero, Violência Simbólica, Momentos de Reflexão). Essas categorias ajudaram na organização do tratamento dos dados, auxiliando na procura de trabalhos científicos que abordavam casos parecidos com os observados. A partir desses trabalhos, buscamos interpretar os dados das observações e discuti-los.

## 4. DISCUSSÃO

No intuito de identificar e analisar as questões de gênero que ocorriam nas aulas de educação física, buscou-se primeiramente entender o contexto em que elas ocorriam e identificar possíveis motivos externos que contribuíam para a aparição destas questões. Esta contextualização foi feita através de observações da escola em geral. Buscamos compreender além das aulas de educação física, as aulas em sala de aula, o intervalo e até mesmo o momento de saída dos alunos da escola no intuito de identificar as relações entre alunos, professores e funcionários no geral. Nessas observações do contexto pude notar diversos casos de violência entre os alunos. Segundo Eyng, Gisi e Ens (2011, p. 166), na escola, a violência pode ser definida “Como um conjunto de práticas que rompem com a normalidade no cotidiano escolar”. Algumas dessas violências eram físicas, quando uma brincadeira passava um pouco do limite, outras verbais, com xingamentos e apelidos entre eles. Porém, nem toda violência é explícita, por vezes atos de violência passam despercebidos. No ambiente escolar, esse tipo de violência acontece de forma simbólica. Odalia (2004) traz que,

Nem sempre a violência se apresenta como um ato, como uma relação, como um fato, que possua estrutura facilmente identificável. O contrário, talvez, fosse mais próximo da realidade. Ou seja, o ato violento se insinua, frequentemente, como um ato natural [...]. Perceber um ato como violento demanda do homem um esforço para superar sua aparência de ato rotineiro, natural e como que inscrito na ordem das coisas (p. 22-23).

Essa forma de violência que por vezes é sutil, as vezes não percebida nem pelo próprio agressor.

### 4.1. Violência Simbólica

Por meio das observações, pude perceber que a escola tenta trabalhar valores com os alunos, por meio de cartazes educativos em sala de aula, onde prezam por respeito aos colegas, a convivência em grupo e a utilização de palavras de bom grado (obrigado, de nada, por favor). Alguns deles são mais atrativos com desenhos, letras coloridas e até temas como era a “Árvore das Boas Atitudes”, que consiste em uma árvore que possui valores em seus galhos.

Mesmo com esses cartazes, na relação entre professores e alunos, pude observar alguns professores que eram mais ríspidos, que aumentavam o tom de voz de forma excessiva ou mudavam a sua expressão ao pontuar algum erro cometido pelos alunos, o que baseado em Bourdieu e Passeron (2008, p. 24), classifiquei como uma violência simbólica. Para eles, violência simbólica é uma forma de violência exercida pelo corpo sem coação física, causando danos morais e psicológicos. É uma forma de coação que se apoia no reconhecimento de uma imposição determinada, seja esta econômica, social ou simbólica. A violência simbólica se funda em induzir o indivíduo a se posicionar no espaço social seguindo critérios e padrões do discurso dominante. Em outras palavras, Saffioti (2001, p. 118) traz que:

A violência simbólica institui-se por meio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominador (logo, à dominação), uma vez que ele não dispõe para pensá-lo ou pensar a si próprio, ou melhor, para pensar sua relação com ele, senão de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo senão a forma incorporada da relação de dominação, mostram esta relação como natural; ou, em outros termos, que os esquemas que ele mobiliza para se perceber e se avaliar ou para perceber e avaliar o dominador são o produto da incorporação de classificações, assim naturalizadas, das quais seu ser social é o produto.

Ou seja, se um professor, que é uma das autoridades dentro da escola, não trabalha com questões de gênero, seja por falta de preparo, por falta de interesse, ou por não julgar a discussão importante, esse poderá estar, diretamente ou indiretamente, perpetuando essa divisão. Quando uma professora pede para uma aluna cruzar as pernas ao sentar, pois essa é a maneira correta de uma moça fazê-lo; ou pede para um aluno devolver a borracha da colega, pois ela é rosa, e essa cor não é de menino (exemplos que ocorreram em momentos das observações), logo as crianças acreditam estar erradas, por ter uma autoridade repreendendo aquela atitude. Esses são exemplos, que ajudam a entender o que os alunos podem passar quando não há a devida instrução do dominador perante as discussões de gênero. Agora imagine uma criança com exemplos como esses no seu cotidiano durante toda sua formação, que dura cerca de doze anos.

#### **4.2. Gênero na escola**

Nos ambientes fora das aulas de Educação Física, podemos notar a divisão por gênero presente na escola. Para organizar as turmas na saída para o intervalo, os

professores dividem as turmas em filas de meninos e meninas. Louro (1997, p. 63) questiona, “afinal, é natural que meninos e meninas se separem na escola, para os trabalhos de grupos e para as filas? ”. Será que não poderíamos pensar em outras opções para organizarmos uma fila? Foram vários momentos onde o professor pedia para os alunos formarem filas, e em muitas delas, o professor não pediu para que os alunos se separassem em meninos e meninas, porém, mesmo sem o pedido, os alunos já se dividiam em sexos sempre que era necessária essa divisão em duas filas, em uma reprodução do que aprenderam ao longo da sua formação escolar. Para Delamont (1985, p. 20), “As escolas e outras instituições de educação impõem hoje em dia um conjunto de funções de sexo e gênero que são mais rígidas que aquelas que são correntes na sociedade em geral”.

O feminino e o masculino são reproduções de uma identidade construída historicamente. Tanto menino quanto menina desde pequenos aprendem a agir de acordo com sua especificidade sexual. Desde o momento em que ocorre o fim da amamentação, e com isso, uma diminuição do elo mãe-criança, os pais já começam um tratamento diferente. Na criação das meninas, Adichie (2015, p.30) traz que “Ensinamos meninas a se encolherem, a se diminuir, dizendo-lhes: ‘Você pode ter ambição, mas não muita. Deve almejar o sucesso, mas não muito. Senão você ameaça o homem. [...] você estará emasculando o homem”. Já na criação dos meninos, Beauvoir (1980, p. 12-13) traz que “o menino se apresenta a princípio como menos favorecido dos que meninas, porém, é uma criação baseada na preparação para fardos mais pesados. [...] Persuadem os rapazes de que é por causa da sua superioridade que se exige mais dele”. Essa construção está em diversas áreas, como podemos ver nesse trecho de Beauvoir (1980, p. 30):

Tudo contribui para confirmar essa hierarquia aos olhos das crianças. Sua cultura histórica, literária, as canções, as lendas com que a embalam são uma exaltação ao homem. São os homens que fizeram a Grécia, o Império Romano, a França e todas as nações, que descobriram a terra e inventaram os instrumentos que permitem explorá-las, que a governaram, que a povoaram de estatuas, de quadros e de livros. A literatura infantil, a mitologia, contos, narrativas, refletem os mitos criados pelo orgulho e os desejos dos homens: é através de olhos masculinos que a menina explora o mundo e nele decifra seu destino. A superioridade masculina é esmagadora: Perseu, Hércules, Davi, Aquiles, Lançarote, Duguesclin, Bayard, Napoleão, quantos homens para uma Joana d’Arc; e, por trás desta, perfila-se a grande figura masculina de São Miguel de Arcanjo! [...] Eva não foi criada para si mesma e sim como companheira de Adão, e

de uma costela dele; na Bíblia, há poucas mulheres cujas ações sejam notáveis.

A construção ocorre de maneira sutil, seja em na divisão da fila, ou nos exemplos citados nessa pesquisa (modo se sentar-se e borracha rosa para meninas). Podemos afirmar também que a idade observada (9 a 12 anos), está na fase inicial do autoconhecimento e de conhecimento do mundo no geral, com isso, as situações pelas quais a criança é colocada nessa fase, será crucial nessa fase para o seu desenvolvimento e construção do ser. Dos Cavalleiro (2004, p. 25), traz que:

Numa relação dialética homem/sociedade, o novo membro da sociedade interioriza um mundo já posto, que lhe é apresentado com uma configuração já definida, construída anteriormente à sua existência. Assim, interagindo com outros, a criança aprenderá atitudes, opiniões, valores a respeito da sociedade ampla e, mais especificamente, do espaço de inserção de seu grupo social.

Falar em socialização na infância é falar de uma etapa fundamental para o desenvolvimento humano. Tal afirmação supõe considerar a educação recebida pela criança como significativa para o desenvolvimento futuro do sujeito social. A socialização torna possível à criança a compreensão do mundo por meio das experiências vividas, ocorrendo aos poucos a necessária interiorização de algumas regras de convivência afirmadas na sociedade. Nesse início de vida a família e a escola serão mediadores primordiais, apresentando/significando o mundo social. Cavalleiro (2001, p. 33) acredita que:

A experiência escolar amplia e intensifica a socialização da criança. O contato com outras crianças de mesma idade, com outros adultos não pertencentes ao grupo família, com outros objetos de conhecimento, além daqueles vividos pelo grupo familiar vai possibilitar outros modos de leitura.

Com isso, mais uma vez é válido reiterar a necessidade de se trabalhar com discussões acerca de gênero, afim de derrubar estereótipos. De acordo com Cavalleiro (2001, p. 37), os estereótipos de nossa própria cultura são fios condutores para a propagação do preconceito. Eles evitam a necessidade de se pensar sobre os efeitos das condições sociais, que contribuem para o desajustamento e exclusão de alguns. Os estereótipos impedem a reflexão sobre o mundo real. “Seus conteúdos são mecanismos

sociais que visam manter o status quo de um determinado segmento social” (CAVALLEIRO, 2001, p. 32)

A ausência de discussões sobre gênero ficou explícita nas observações, talvez por conta da falta de sensibilidade dos professores para com o tema, falta de instrução para se trabalhar com o mesmo, por considerarem o tema irrelevante ou por conta de outros itens culturais, como a família, religião e outros. Para Auad e Corsino (2017, p. 4) “as relações de gênero nas aulas de Educação Física são marcadas por uma aprendizagem do silenciamento, em que se busca o não aparecimento de conflitos, não se discutir sobre essas questões”. Essa condição possibilita um ambiente pacífico para os professores, com aulas tranquilas, mas contribui para a construção de identidades conformistas em relação à gênero no espaço escolar. Porém, não podemos colocar toda a responsabilidade de abordagem do tema na escola. Para Cavalleiro (2001, p. 34):

Não se concebe um desenvolvimento proporcionado exclusivamente pela educação formal, como também não se pode entendê-lo sendo realizado unicamente pelo grupo familiar. Afinal, juntas, escola e família são responsáveis pela formação do indivíduo. A escola não pode ser valorizada em oposição à educação familiar e vice-versa. Ambas desempenham funções de profunda importância.

Caparrós (1981, p. 52 apud CAVALLEIRO, 2001, p. 33) aumenta a parcela de responsabilidade da família, ao afirmar que “Da família sai o possuidor, o comunista, a mulher passiva, o dominado e o dominador [...] as futuras relações, homem/mulher, tanto em autovalorização e valorização do outro, já estão ideologicamente plantadas em semelhança às dos adultos”, com isso, a escola pode ensinar valores divergentes aos aprendidos em casa, mas caberá ao aluno refletir sobre aqueles ensinamentos.

#### **4.3. Gênero nas aulas de Educação Física**

Partindo para as aulas de educação física, na fase de análise do contexto escolar no geral foi observado aulas de séries mais avançadas do Ensino Fundamental. Em uma dessas observações, algo que chamou a atenção foi o fato da professora de Educação Física levar duas bolas para os alunos, uma de futebol e outra de voleibol, onde os alunos se dividiram em meninos e meninas, sem o professor exigir uma separação por sexo. Ao longo das observações, os alunos se dividiram dessa forma na maioria das vezes que lhes foi colocada a opção de dois grupos ou fileiras. Após examinar

construções de gênero em falas e em jogos de crianças em escolas primárias inglesas, Francis (1998, p. 42) apud Sousa e Altmann (1999, p. 56) afirma que:

As próprias crianças construíam os gêneros como opostos, a fim de reforçar seu senso de identidade feminina ou masculina. Entretanto, [...] as fronteiras dessa divisão eram frequentemente ultrapassadas ou recusadas. [...] assim, meninos e meninas não mantêm nítidas as divisões de gênero, estando por vezes separados e noutras juntos.

Então não é correto afirmar que essa divisão ocorre sempre. Na aula observada, ocorreu essa divisão e muito se deve aos esportes que foram propostos pela professora de forma indireta por meio das bolas disponibilizadas (vôlei e futebol). Os alunos logo foram realizar essas devidas práticas esportivas. Essa pré-disposição, tanto da professora em propor a aula dessa forma, quanto dos alunos a aceitarem sem nenhuma negação, é antiga, trazendo dois esportes que de acordo com Sousa e Altmann (1999, p. 58), possuem características diferentes. Para as autoras,

Com a introdução do esporte moderno como conteúdo da Educação Física Escolar no Brasil, principalmente a partir dos anos 30, [...] aos homens era permitido jogar futebol, basquete e judô, esportes que exigiam maior esforço, confronto corpo a corpo e movimentos violentos. Às mulheres, a suavidade de movimentos e a distância de outros corpos, garantidas pela ginástica rítmica e pelo voleibol. O homem que praticasse esses esportes correria o risco de ser visto pela sociedade como efeminado. O futebol, esporte violento, tornaria o homem viril e, se fosse praticado pela mulher, poderia masculinizá-la.

Hoje já é possível ver um número maior de mulheres em outras práticas, antes consideradas de cunho masculino, e o contrário também, onde vemos homens em práticas consideradas por muito tempo como práticas voltadas a mulheres, com mais normalidade. Porém, o ambiente escolar observado ainda mantém essa separação a partir do momento que se começa a trabalhar os esportes citados.

Como exemplo, na turma alvo dessa pesquisa, uma aluna em momentos de distração nas aulas de educação física, jogava futebol com os meninos. Era percebido uma certa resistência dos meninos ao decorrer do jogo, que não tocavam para ela com a mesma frequência que tocavam entre si, mesmo que essa aluna jogasse o futebol no mesmo nível, ou até melhor, que a média dos alunos que ali estavam. Em um estudo, que busca mostrar as (des)construções de gênero e sexualidade no recreio escolar, Wenzel, Stigger e Meyer (2013, p. 123) confirmam isso ao perceberem que “se alguma menina quisesse jogar futebol, ou não encontraria meninas suficientes para acompanhá-

la nesta atividade, ou, [...] teria dificuldades para ser aceita nos jogos dos meninos.” A aluna citada, as vezes era tida como motivo de estranhamento para os colegas, por jogar bem futebol, uma atividade que para os alunos era voltada aos homens. E não só no futebol, mais também em outras atividades que envolviam correr, pular, saltar, algo bem diferente do padrão daquela turma, onde as meninas geralmente tinham um certo receio em se movimentar, e geralmente eram superadas em atividades pelos meninos. Isso ocorreu em diversas aulas, porém, na primeira aula observada ficou mais explícito, visto que em uma atividade de pega-pega, onde o número de pegadores ia aumentando conforme os alunos iam sendo pegos, no final, apenas as meninas eram pegadoras, mostrando que os meninos ou foram mais rápidos ou tomaram decisões que os favoreceram.

Para Wenez et al. (2013, p.126) na aula de educação física “é possível observar como alguns pressupostos de masculinidade e de feminilidade se constituem como noções homogêneas e universais, como dados desde sempre dessa maneira”. Ou seja, se é esperado comportamentos diferentes em alguns momentos de meninos e meninas dentro do ambiente escolar, comportamentos esses que foram reforçados nas aulas de Educação Física, seja pelos alunos ou por professores. Nas observações por diversas vezes as falas do professor em relação aos meninos eram diferentes das falas direcionadas as meninas. Enquanto o professor usava frases como “você consegue”, “isso é fácil para você” e outras, para as meninas eram frases do tipo “duvido você conseguir” ou até mesmo “pelo menos você tentou”, em tom de conformismo com um desempenho abaixo das meninas. Essa forma de lidar com os alunos pode ser um dos motivos de uma diferenciação em relação ao rendimento das meninas e dos meninos. Essas falas geravam uma confiança por parte dos meninos, que como podemos ver nas observações, sempre se mostravam mais aptos a realizar determinadas atividades, enquanto as meninas realizavam as mesmas atividades sem a mesma vontade, e por vezes até abandonavam as aulas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse trabalho vimos que, nas aulas de educação física, podemos encontrar diversas questões de gênero a serem analisadas. Como foi dito no trabalho, questões de gênero estão sendo levantadas cada vez mais todos os dias, não só na escola, mas também na mídia e em outros veículos de comunicação, bem como na sociedade em geral. Com o aumento da atenção em cima do tema, é emergente que os professores e as famílias busquem cada vez mais conhecimentos sobre gênero. Esse que ainda para muito é um tabu e gera certa dificuldade a ser debatido. Falar sobre gênero é difícil. O assunto é polêmico, amplo, com diversas ramificações, e por isso, é necessária uma desconstrução dos envolvidos para uma análise despreendida de padrões já estabelecidos em nós mesmos, mostrados ao decorrer da pesquisa. A questão central que consistia em analisar as questões relacionadas a gênero nas aulas de Educação Física foi contemplada. Identificamos as questões e buscamos compreendê-las através do aprofundamento destas questões com o objetivo de entender o porquê de elas ocorrerem. Pudemos perceber que muito se deve a construção de muito tempo atrás, que a educação que os alunos trazem de casa, tem forte influência na sua formação escolar, e em como eles vão lidar com essas questões que emergiram das observações. Pouco a pouco essa educação vem sendo desconstruída com o auxílio da escola e família, por conta da ascensão do tema, e junto, o interesse de muitos movimentos em aprofundar o conhecimento dessa área.

A aula de educação física é um adequado espaço para se debater o assunto, visto que possibilita abordar o conteúdo da disciplina para trabalhar valores, e os fixa por meio de situações nas práticas vividas. O professor tem um papel fundamental dentro dessa discussão, juntos com a família, são importantes pilares para essa desconstrução, ajudando a desenvolver crianças com uma maior capacidade de reflexão sobre o tema, os tornando cidadãos com capacidade de conviver de forma pacífica dentro da sociedade, de forma tolerante, aceitando a si mesmo e as pessoas a sua volta. Para isso, é imprescindível que essa reflexão também chegue aos cursos de graduação, com o objetivo de embasar os futuros professores a problematizarem o tema com seus alunos, com propriedade e com confiança de estar agindo da forma correta. É importante também a formação continuada do professor, sempre se atualizando acerca do tema. Talvez, com essa mudança de postura começando da parte educadora, podemos colher

bons frutos em um futuro próximo, um futuro de igualdade, do respeito entre gêneros, onde o machismo diminua progressivamente até sua extinção.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **Sejamos todos feministas**; tradução Christina Baum – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AUAD, D.; CORSINO, L. **O Professor diante das relações de gênero na Educação Física escolar**. Cortez Editora, 2017.

BEAUVOIR, S. de. **O Segundo sexo**; tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BECHKER, H. A. Observation by informants in institutional research. **Quality & Quantity**, v. 6, p. 157-169, 1972.

BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu** (26), Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, jan/jun. 2006, pp.329-365. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/3482/brah%20diferenca%20diversidade.pdf?sequence=1>. Acesso em: 25 out. 2017.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 20 out. 2017.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/fisica.pdf>. Acesso em: 20 out. 2017.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Trad. Reynaldo Bairão. Petrópolis: Vozes, 2008. BOURDIEU, P. O poder Simbólico. Trad. Fernando Tomaz. 14ª ed.. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CAVALLEIRO, E dos S. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. **Editora Contexto**, 2004. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=f9VnAwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT6&dq=autoconhecimento+infantil&ots=19xKWAWvCd&sig=Nv5YVMnHKrAUUtUZMAQhOLA8SnY#v=onepage&q=socializa%C3%A7%C3%A3o%20prim%C3%A1ria&f=false>. Acesso em: 12 jun. 2018.

DARIDO, S. C. et al. A educação física, a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 17-32, 2001. Disponível em: <http://files.cursoeducacaofisica.webnode.com/200000047-421dd43179/PCNS%20E%20A%20EDUCA%C3%83%E2%80%A1%C3%83%C6%92O%20FISICA.pdf>. Acesso em: 26 out. 2017.

DELAMONT, S. **Os papéis sexuais e a escola**. Lisboa: Livros Horizonte, 1985.

EYNG, A. M. GISI, M. L. ENS, R. T. Violências nas Escolas: Representações Sociais e Diversidade no Espaço Escolar. In: EYNG, A. M.(Org) **Violências nas Escolas: perspectivas históricas e políticas**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011. p.161-176.

FRANGIOTI, P. C; COSTA, P. H. L. Desenvolvimento dos temas transversais através dos projetos: auxílio na sistematização/ organização dos conteúdos em educação física escolar. In: **I Seminário de Estudos em Educação Física Escolar**, 2006, São Carlos. Anais... São Carlos: CEEFE/UFSCar, 2006. Disponível em: <http://www.eefe.ufscar.br/pdf/perla.pdf>. Acesso em: 25 out. 2017.

FONTELLES, M. J. et al. Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. **Revista Paraense de Medicina**, v. 23, n. 3, p. 1-8, 2009. Disponível em: [https://cienciassaude.medicina.ufg.br/up/150/o/Anexo\\_C8\\_NONAME.pdf](https://cienciassaude.medicina.ufg.br/up/150/o/Anexo_C8_NONAME.pdf) Acesso em: 08 mai. 2018

GUIMARÃES, A. A. et al. Educação física escolar: Atitudes e valores. **Motriz**, v. 7, n. 1, p. 17-22, 2001. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/07n1/Guimaraes.pdf>. Acesso em: 20 out. 2017

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: ALTMANN, H; MARIANO, M; UCHOGA, L. A. R. Corpo e movimento: produzindo diferenças de gênero na educação infantil. **Pensar a Prática**, v. 15, n. 2, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/12375/11200>. Acesso em: 20 out. 2017

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, RJ Uma perspectiva pós-estruturalista. Vozes, 1997. Disponível em: <https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/03/genero-sexualidade-e-educacao-guacira-lopess-louro.pdf>. Acesso em: 10 out. 2017

LOURO, G. L. Uma leitura da história da educação sob a perspectiva de gênero. **Teoria e Educação**, no 6. Porto Alegre, 1992, pp. 53-67.

MEYER, D. E. Gênero e Educação: Teoria e Política. In: LOURO, G. L; FELIPE, J; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. 9.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 9-27.

ODALIA, N. **O que é violência**. Brasiliense, 2017.

RAUPP, F. M.; BEUREN, I. M. Metodologia da Pesquisa Aplicável às Ciências. Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática. São Paulo: **Atlas**, 2006. Disponível em:

[https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/33863767/metodologia\\_de\\_pesquisa\\_aplicavel\\_as\\_ciencias\\_sociais.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1528825882&Signature=QpzyGyn%2F0cDAh6rUT2KupNv9sc%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DMetodologia\\_de\\_pesquisa\\_aplicavel\\_as\\_cie.pdf](https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/33863767/metodologia_de_pesquisa_aplicavel_as_ciencias_sociais.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1528825882&Signature=QpzyGyn%2F0cDAh6rUT2KupNv9sc%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DMetodologia_de_pesquisa_aplicavel_as_cie.pdf). Acesso em: 12 jun. 2018.

RICHARDSON, R. J. et al. Pesquisa Social: Métodos e Técnicas. São Paulo: **Atlas**, v. 14, 2012.

SABATEL, G. M. G. et al. Gênero e sexualidade na Educação Física Escolar: Um balanço da produção de artigos científicos no período entre 2004-2014 nas bases do lilacs e scielo. **Pensar a Prática**, v. 19, n. 1. mar. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/34159/pdf>. Acesso em: 25 out. 2017.

SAFFIOTI, H. I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos pagu**, n. 16, p. 115-136, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a07.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2018.

SARAIVA, M. do C. **Co-educação Física e Esportes: quando a diferença é mito**. Ijuí: Unijuí, 1999.

SARAIVA, M. do C. Por que investigar as questões de gênero no âmbito da Educação Física, Esporte e Lazer? **Motrivivência**, v.13, n. 19, p. 79-85, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/viewFile/958/4331>. Acesso em: 24 out. 2017.

SOARES, C. L. et al. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 10, p. 6-12, 1996. Disponível em: <http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v10%20supl2%20artigo1.pdf> Acesso em: 26 out. 2017.

SOUSA, E. S. de; ALTMANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 52-68, Aug. 1999. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32621999000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621999000100004&lng=en&nrm=iso) Acesso em: 22 mai. 2018.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/4.MarcelaLima.pdf> Acesso em: 23 out. 2017.

WENETZ, I.; STIGGER, M. P.; MEYER, D. E. As (des) construções de gênero e sexualidade no recreio escolar. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 27, n. 1, p. 117-128, 2013.